

O método do conhecimento em Aristóteles

Aprender com Aristóteles é aprender sobre a formação do mundo, e que essa formação se dá por partes. Aristóteles tudo fraciona, seja quando fala sobre a saúde do corpo e a forma de se obtê-la – e daí passa a distinguir cada uma das ações existentes que tem como resultado esse bem: saúde, exercícios, alimentação, segurança física –, seja quando fala sobre a capacidade de absorção de conhecimento humano desde a mais tenra idade, quando então o filósofo tece sua teoria da mimese, segundo a qual o homem é de uma espécie que aprende vendo e imitando.

De fato, a ação de mimetizar se constitui nos homens desde a infância, e eles se distinguem as outras criaturas porque são os mais miméticos e porque recorrem à mimese para efetuar suas primeiras formas de aprendizagem, e todos se comprazem com as mimeses realizadas.¹

Para Aristóteles é compreensível o porquê da atração irresistível do homem ao observar tudo, mesmo o que é ignóbil (um cadáver, um animal que nasce com má formação ou dejetos). O homem absorve a realidade e, na filosofia aristotélica, absorver é consumir com a presença (sentidos) e a nomenclatura (dar nomes).

Ler as obras do filósofo de Estagira é se deparar com séries infindáveis de nomeação de tudo quanto existe (Gn 2:20), os exercícios que conduzem o atleta à perfeição, os estilos de discurso, os tempos do cosmo humano, tudo pode ser destrinchado em um mar de nomes, e entender o nome é absorver, conhecer.

Contemporâneo de Filipe II, rei da Macedônia, Aristóteles o serviu como preceptor de seu filho, Alexandre (que mais tarde encarnaria a mítica figura do conquistador do mundo, Alexandre, o Grande) e a este ensinou literatura, história, filosofia, política, astronomia, metafísica, geografia, geometria, matemática, retórica... tornando-o apto a suplantar o cetro conquistador de seu pai. O trabalho de Aristóteles com o jovem macedônio é a coroação de alguém que jamais poderá ser tido como um “teórico apenas”, mas alguém que se utilizou de seu próprio método Poética/Retórica/Dialética/Lógica para mostrar que o conhecimento que trazia em sua alma era poderoso para operar alterações no mundo físico. Alexandre se torna o grande conquistador que varre o mundo desde os limites ocidentais do mundo grego à Índia, alcançando o norte da terra dos Partos e a África.

Em sua obra [talvez] mais famosa encontramos um dos grandes alcances intelectuais do sábio filósofo, ao entender que nem tudo o que se move, move-se por si mesmo, mas pode também ser movido por outro. Assim se dá com os marinheiros em alto-mar, que de pé em um navio são movidos sem se mover a si mesmos². O exercício imaginativo de Aristóteles o leva a entender uma lógica não do movimento apenas, mas da própria existência como nós a conhecemos: tudo tem uma origem, menos a origem primeira que é a origem de si mesma. Compreendeu então o filósofo o que Moisés, o profeta, guerreiro e sacerdote judeu só entendeu porque viu, quando no Monte Sinai se deparou com o Anjo do Senhor na sarça ardente, que Se lhe anunciou “Eu Sou o que Sou, Aquele que é a Origem de Si Mesmo” (Ex 3).

¹ De anima, 1448b 5.

² Op. cit 406a3

Esse homem que via o mundo como quem via pela primeira vez nos deixou uma herança que acabou se tornando um “padrão humano”, o método científico. Ao dar continuidade à sagração da dúvida em Sócrates, e enriquecer a busca pela verdade com a expansão da imaginação (poética), o divisar das possibilidades (retórica), estudar as probabilidades (dialética) e submeter o resultado ao confronto final para com a realidade (lógica), o filósofo de Estagira nos ensinou a pensar cientificamente, ou seja, pensar em busca de conhecer.

A nós, brasileiros, nos foi dada uma publicação que não posso deixar de citar (e recomendar) a todos os alunos da Escola, obra do filósofo Olavo de Carvalho da qual ressalto o trecho:

Aristóteles foi também o inventor de um conceito que se tornaria, até hoje, dos mais fecundos na filosofia e nas ciências, que é o conceito de desenvolvimento orgânico; e, como tal, acreditava que só se pode conhecer bem um ente ou fenômeno quando se estuda a sua gênese e o desenvolvimento progressivo das estruturas internas que o constituem. Por isto, ao abordar o problema do conhecimento, ele descrevia a origem e o desenvolvimento do aparato cognitivo humano de tal maneira que tanto a perspectiva empirista quanto a racionalista se encaixavam nela harmoniosamente, cada qual referida a uma fase e a um aspecto do processo cognitivo. Quando se perdeu de vista esta unidade do conhecimento como potência de uma forma viva que cresce e se desenvolve, surgiu então o debate de empiristas contra racionalistas, e Aristóteles, à revelia, passou a ser alista ora num, ora noutro dos partidos.

Raciocinando aristotelicamente: só podemos compreender uma disputa, e eventualmente resolvê-la, quando investigamos o terreno comum do qual emergiram os antagonismos; a investigação da gênese terminará, na maior parte dos casos, por revelar os adversários como nada mais que “irmãos inimigos”. Em Aristóteles, de fato, encontra-se como que uma síntese inicial cujos elementos, séculos mais tarde, viriam a exteriorizar-se, divididos, no antagonismo de racionalistas e empiristas.³

O que o professor Olavo está evidenciando é que Aristóteles não era partidário (não entrava em uma discussão em defesa de uma perspectiva) mas particionava as questões de tal forma que, destrinchadas apareciam como uma planta explodida de uma máquina a ser observada em profundidade. Essa redução de uma questão a ponto de fragmentos possibilitava analisar de tal forma e com tamanha clareza que, ao fim da dialética, as ideias inimigas se abraçavam em um novo saber, uma [verdadeira] ciência.

Saber *raciocinar aristotelicamente*, para utilizar a expressão do Olavo, é saber raciocinar pois fora disso só se pode defender um ponto de vista pré-definido, sendo impossível se lançar nu e cru como se lançava Aristóteles, esse Adão da Filosofia que conheceu o mundo e deu nome a todas as quais que encontrou pela frente.

Fernando Melo
Brasília, 11 de dezembro de 2021

³ CARVALHO. O. *Aristóteles em nova perspectiva*. Vide Editorial. São Paulo, 2013.